

# O FATOR RELIGIOSO NA FICÇÃO LATINO-AMERICANA

Rafael Camorlinga

Milagre freqüente na Igreja conservadora  
é transformar o vinho em água.  
D. Pedro Casaldáliga.

## INTRODUÇÃO

A conquista e colonização da América Latina pelas nações ibéricas, ao contrário da efetuada pelas anglo-saxônicas, teve como justificativa a evangelização dos povos ameríndios. Quanto à Espanha, fortalecida política e militarmente pela Reconquista, estava pronta para expandir o seu domínio além oceano. O arsenal ideológico para o empreendimento seria providenciado por Alexandre VI. O papa Borgia, ao mesmo tempo que confere aos conquistadores plenos direitos sobre as nações conquistadas, exorta-os a enviar evangelizadores que submetam os novos súbditos *também* ao império da fé (Díaz-Plaja 1972: 36).

Inaugura-se então a parceria da cruz com a espada, cumplicidade que, com algumas variações, continuará nos séculos vindouros. A independência política, alcançada nas primeiras décadas do s. XIX, não introduziu mudanças significativas no campo cultural, uma vez que a imaginação continuava colonizada. Foi só no final do século XIX, com o *Modernismo* e no XX com *La Nueva novela latinoamericana* que a AL ganhou voz própria.<sup>1</sup> Seus escritores, não mais imitadores e sim imitados, começaram a ser lidos além das fronteiras geográficas e lingüísticas de origem.

No que diz respeito ao nosso tema, constatamos em primeiro lugar, a inexistência de obras literárias de peso durante a colonização; a Inquisição exercia um rígido controle sobre as que entravam neste Continente e mantinha uma estrita censura das que nele se produziam. Obrigado, pelos decretos reais e pela Inquisição, a calar, o intelecto latino-americano enveredou pelos labirintos da prosa barroca (Picón-Salas 1994: 119). No entanto, alcançada também uma relativa autonomia cultural, a produção latino-

---

<sup>1</sup> "Será a través del modernismo -con el criollismo como hallazgo- donde la novela americana se encuentre a sí misma. La llamada "generación de los grandes novelistas lanza al mundo el "aquí estoy yo" de una América en la que bulle demasiado conflicto y donde una naturaleza gigantesca consume y devora cualquier esfuerzo humano" (Pinillos 1987: 10).

americana ganhou feições próprias. No período do realismo encontramos romances que mostram a exploração do peão, do mineiro, do índio pelo poder civil, em cumplicidade com o religioso. Posteriormente, a *nueva novela* muda a abordagem mas sem abrir mão do tema. Ao mesmo tempo muda também o panorama religioso; ao lado da teologia tradicional, e não raro em oposição àquela, surge uma *nova teologia* que deixará marcas profundas na produção romanesca. Na presente comunicação serão discutidos alguns dos autores mais representativos. Longe de ser este um estudo exaustivo do tema, é como que uma amostra da cumplicidade entre a ficção romanesca e religião nas letras do “Continente mestiço”.

### ENTRE A OMISSÃO E A CUMPLICIDADE

O tema religioso, freqüentemente abordado pela ficção européia (Blanchet 1959, Moeller 1972, Kuschel 1999) parece como que incontornável na produção literária latino-americana (González Padrón 1983; Pinillos 1987; CELAM 1988; Magalhães 2000). A religião em questão é o catolicismo romano, haja vista a peculiaridade da conquista e colonização acima mencionadas. A maneira mais prática de adentrar a problemática religiosa é focalizando o personagem que detêm o poder sacro e que está em contato com a comunidade: o padre, vigário ou *cura* (espanhol). "El cura es un personaje frecuente en la novela hispanoamericana" (Pinillos, o. c., p. 131). É quase que impossível se conceber o “romance do ditador”, “indigenista” ou “de exploração econômica”, sem a presença do padre, apoiando ou se opondo ao latifundiário, ao coronel ou ao *caudillo* no poder. Os membros mais proeminentes da hierarquia eclesiástica aparecem raras vezes. O poder supremo da Igreja fica a uma distância inatingível, mítica.

A ficção literária desse período reflete, grosso modo, a antiga polêmica travada entre Bartolomé de las Casas e Ginés de Sepúlveda. Enquanto o primeiro lutava em prol de uma conversão voluntária e um trato humanitário aos índios, o segundo era em favor de um submetimento coercitivo e onímodo (J. M. Camorlinga 1992). Sabemos que a tese de Sepúlveda foi a que prevaleceu na prática; a cruz acaba se submetendo à espada. No concernente ao papel da instituição eclesiástica, através de seus ministros, durante as primeiras décadas das jovens repúblicas, não há mudanças substanciais em relação ao período precedente. A hierarquia, em geral, se mostra omissa ou subserviente aos

*caudillos* que governam as respectivas nações durante as primeiras décadas após a independência. Já no dia-a-dia é o padre ou “señor cura” que toma conta das comunidades agrupadas em paróquias. A sua autoridade junto aos paroquianos é incontestável, e com frequência a usa em proveito próprio ou do político no poder. Conseqüentemente, os romances dessa época apresentam padres e bispos comprometidos com o *status quo* e usufruindo os benefícios dele decorrentes. Certamente não faltam honrosas exceções, tanto na ficção quanto na realidade.

A personagem religiosa mais recorrente nos romances da segunda metade do século XIX e primeira do XX é a do sacerdote ganancioso, mulherengo e até sanguinário; o avesso dos valores evangélicos que prega. Destaca-se pela predisposição à violência, sem excluir outros traços negativos, o p. Gaete, do romance *Amália* (José Mármol 1817 – 1881). O cenário político é a ditadura de Manuel Rosas (1835–1852). O seu regime foi marcado pela violência, exercida mediante o braço armado *La Mazorca*, tendo como inimigos *Los Unitários*. A Igreja apoiou o Ditador, que por sua vez retribuiu à altura. É revelador o diálogo do p. Gaete com Daniel, um dos *Unitários*. O sacerdote, sentido-se acuado, pede misericórdia. Seu interlocutor responde com uma série de questionamentos que revelam o caráter do padre bem como o da instituição a que ele pertence.

- ¡Piedad! Soltadme! – exclamó el fraile...

-- ¿Piedad? ¿La tenéis vosotros, sacerdotes ensangrentados de esa herejía política a la que llamáis Federación? ¿Qué habeis dejado sin ofender? ¿Qué hábeis dejado sin humillar y ensangrentar? ¿Qué piedra no os há pedido piedad em la terrible noche de delitos que habéis levantado sobre el suelo de vuestra pátria? (*Amália*, p. 139).

A atitude de Gaete não é senão a resposta à pregação do bispo, que incentiva a violência contra um dos bandos em pugna:

... el obispo José Manuel Eufrásio levantaba su báculo, incitando a los pueblos a la persecución de aquellos desgraciados (los unitários), predicando su muerte y su exterminio en la persecución (Id, *Ibid.*, p. 336).

A colaboração do líder eclesiástico é correspondida pelo Ditador que o elogia por ter lançado “un anatema justo contra los salvajes unitários, enemigos de Dios y de los hombres”. Segundo Rosas, o bispo “ofrece un lúcido ejemplo eminente” (p. 336).

A pregação explícita da violência ou o recurso à mesma por parte dos ministros da Igreja não é freqüente, se comparada com a omissão dos próprios ministros em relação à crueldade dos governantes e dos fazendeiros. Em *El Señor Presidente*, de M. A. Asturias, o Arcebispo, da sacada do seu palácio, contempla um assassinato; absolve o moribundo e cala perante o crime. O bispo Tardini, de *La cruz invertida* (M. Aguinis) benze as armas que serão usadas para reprimir o povo cristão e os padres que o apóiam. *Caballos de cólera*, de Eduardo Casanova, assinala o agradecimento do governo à "banca, ao comércio e ao *clero* (grifo meu), pelo apoio "ferviente, noble y desinteresado a las Honorabilísimas Fuerzas Armadas contra la subersión" (p. 77). Dedicar especial atenção à Igreja Católica, na pessoa do "Excelentísimo e Ilustrísimo Monseñor Doctor Aristóbulo Borgia, Arzobispo y Primado de la Capital" por ter denunciado e entregado os revoltosos que tinham se refugiado na igreja.

Mais freqüente ainda que a figura do padre violento é a do eclesiástico devasso e avarento. Nem a rígida lei do celibato nem a doutrina evangélica que ensina o desprendimento das riquezas conseguem inibir o impulso sexual e o desejo de posse dos ministros sagrados. Como exemplo desse tipo de eclesiástico pode ser citado o padre Sidônio, do romance *Plata y bronce*, de Fernando Chaves (Ecuador 1927). Na casa paroquial aloja um grupo de crianças, supostos sobrinhos seus. As bênçãos do *reverendo* são para o povo simplório que acata docilmente suas ordens, os anátemas para a jovem professora que, além de não confessar nem assistir a missa, ensina, isto é, abre os olhos aos jovens. Algo parecido ocorre com o p. Hermógens Pizarro, de *Raza de Bronce* (A. Arguedas, Bolívia 1919). As moças que querem casar têm que apreender a rezar. Para tanto devem passar uma semana na casa paroquial. "Era una contribución de la pernada, fructífera y llena de encantos, que demandaba el cura" – observa o narrador (p. 146). Além de rezar, ou em vez disso, as moças têm que cardar lã e realizar outras atividades lucrativas para o vigário. Esse é o trabalho diurno; já, "de noche y a solas, pasaban al poder del señor cura para ser larga y cuidadosamente examinadas por él". (p. 146). A catequese de Hermógens aos índios assinala enfaticamente duas virtudes, sem as quais é impossível se obter o favor de Deus: caridade, manifesta em generosas doações aos representantes de Deus na terra, e a submissão, isto é, obediência onímoda ao patrão. O segundo item ganha mais uma explanação: desobedecer as ordens do patrão é desobedecer o próprio Deus, "que ha dispuesto el mundo de manera que haya una clase de hombres cuya misión es mandar y otra sin más fin que obedecer". Os

primeiros são os brancos, feitos diretamente por Deus; os segundos os índios, forjados sabe-se lá de que matéria (p. 178).

Ganância, lascívia e crueldade são as características do p. Lomas, de *Huasipungo* (Jorge Icaza, Ecuador 1934). As vítimas são os índios; os beneficiários são o latifundiário branco e o próprio vigário. Neste romance encontramos um novo ingrediente, que posteriormente será recorrente: a exploração das multinacionais. O empresário, “gringo”, com a cumplicidade do fazendeiro e do padre, escraviza os índios na construção de uma estrada, terminada a qual, os índios são dispensados e expulsos de suas terras. A fraca resistência que opõem é facilmente esmagada por aqueles que agem em nome do progresso. O p. Lomas é totalmente omissos ante a violência contra os índios. Mais que isso, ele é um dos que lucram com a nova situação. Com o dinheiro arrecadado com a *venda* dos sacramentos aos índios, compra dois caminhões que, transitando pela estrada recém aberta, multiplicarão os seus ingressos. No entanto, o negócio mais lucrativo é a venda das tumbas do cemitério, “latifúndio do padre” segundo os índios (p. 155). As sepulturas mais próximas da igreja, enfeitadas e bem cuidadas, são bem mais caras, pois os defuntos ali enterrados têm o céu garantido. No extremo oposto estão os que não pagam nada, ou quase nada. Estes estão condenados ao inferno, ou ao purgatório cujas torturas “são piores que as do inferno”, segundo a teologia pessoal do vigário (p. 155).

Os romances acima mencionados parecem assumir um viés panfletário; denuncia explícita da situação deplorável que vigorou no Continente latino-americano mesmo depois da independência. O dedo acusador aponta com especial veemência à instituição eclesiástica cujos ministros se utilizam do poder sacro para fins escusos. Ante o quadro desolador, apresentado pelos romancistas listados, cabe perguntar se todos os ministros sacros e, conseqüentemente, a Instituição que eles representam, são corruptos.<sup>2</sup> Não faltaram honrosas exceções, verdade seja dita. Uma delas é o Dr. Miranda, do romance *Pax* (Lorenzo Marroquín, Colômbia 1907). A sua presença no desenrolar do romance é fugaz, mas de grande significado. “Era la presencia del Dr. Miranda de aquellas que revelan superioridad, y que desde luego la hacen amable porque no tratan de imponerla” (Apud Pinillos, o. c., p. 135). *Amália*, primeiro dos romances discutidos, ao apresentar a

---

<sup>2</sup> São relevantes, neste sentido, os seguintes dados. Após analisar a figura do padre em 83 romances latino-americanos, os traços positivos a eles aplicados, tais como *bom*, *desapegado*, *corajoso*, etc., são 9, ao passo que os negativos, *deslechado*, *avarento*, *mulherengo*, etc., somam 18 (Pinillos, o. c., p. 249).

hierarquia eclesiástica totalmente subserviente ao ditador Rosas, ressalva os Padres Jesuítas que mantiveram uma atitude digna.

Quanto à realidade vivida na época, os escritos não ficcionais sobre a matéria (E. Galeano 1986, JM. Camorlinga 1992, P. Salas 1994) atestam o quanto a ficção reflete a realidade. Rufino B. Fombona, autor de *La Bella y la Fiera* reconhece que o que escreveu não é formoso. Justifica-se: “quisiera escribir un libro sano, optimista, bello... nada bello, optimista y sano me rodea” (Pinillos, o. c., p. 15).

## A NOVA NOVELA E A NOVA TEOLOGIA LATINO-AMERICANAS

Romances como o de Mármol, Icaza, A. Argueda e Asturias foram considerados de escasso valor literário pelo seu explícito viés político. Críticos como o uruguaio E. Rodríguez Monegal (1992: I, 41) consideram incompatíveis a denúncia de cunho social e a qualidade literária. Mas não falta quem ache normal e até inevitável o comprometimento do escritor. É ele que tem que “tomar partido por la civilización y contra la barbarie, que es el portavoz de quienes no pueden hacerse escuchar, que siente que su función exacta consiste en denunciar la injusticia, defender a los explotados y documentar la realidad de su país” (Fuentes 1980: 11-12).

Relembrando a duas tendências que se perfilaram já desde o início da evangelização na América Latina, constatamos que a Igreja se inclinou em favor da conservadora, defendida por Sepúlveda. É isso que se refletiu na produção romanesca analisada. Mas podemos facilmente constatar que as letras latino-americanas na segunda metade do s. XX apresentam uma nova face. “El novelista hispanoamericano ya superó la etapa del inventario o registro del mundo” (Rodríguez Monegal, Id., Ibid.). Ultrapassada a dicotomia maniqueísta do período anterior, o personagem adquire profundidade psicológica; o índio de *Ríos profundos* (J. M. Arguedas) e o mestiço de *El llano en llamas* (Juan Rulfo), não são marionetes e sim seres humanos. “El problema social, políticamente decisivo, sale del manual, se desprende del esquematismo, se introduce como el aire en los pulmones del personaje y así pasa a la sangre, se funde con su pasión individual” (Benedetti 1998: 358).

Simultaneamente o pensamento religioso da Igreja em geral foi submetido a uma profunda renovação ou *aggiornamento* com o Concílio Vaticano II (1963-1966),

enquanto isso os Bispos latino-americanos, reunidos em Medellín (1968) reformularam o acervo teológico importado séculos atrás, dando origem a uma *teologia latino-americana*. A contemporaneidade da nova novela e da nova teologia latino-americanas mostra a proximidade dessas duas correntes e a possibilidade de colaboração em prol do povo do qual ambas brotaram. Face à amplitude do tema, limitar-me-ei a dois escritores de épocas e lugares diferentes, mas com interessantes coincidências no que tange ao tema abordado. São eles Juan Rulfo, do México (1918-1986), e Marcos Aguinis da Argentina (1935). As obras visadas são *Pedro Páramo* (1955) e *La Cruz Invertida* (1970).

PEDRO PÁRAMO - Insuficiência da teologia tradicional

*¿Qué has hecho de la fuerza de Dios?  
Do vigário de Contla ao de Comala  
(Pedro Páramo, p. 248)*<sup>3</sup>

Na breve mas sumamente densa prosa rulfiana<sup>4</sup> o tema religioso é onipresente. Deus, a Virgem e os Santos são continuamente invocados pelos camponeses do centro oeste do México, personagens de *El Llano en llamas*, livro de contos, e *Pedro Páramo*, romance. Com efeito, se Rulfo pretende focar o mexicano na sua essencialidade, além da miséria do homem do campo, dos minguidos resultados de uma revolução ainda recente, de governantes corruptos e coronéis prepotentes, tem que incluir a vertente religiosa (Ortega Galindo 1984: 337). A denominação religiosa em questão é o catolicismo romano, embora praticado de uma maneira muito peculiar. Dos dezessete contos de *El llano en llamas* três são de tema religioso; na maioria dos restantes a religião desempenha um papel secundário, mas importante.

Deixando agora de lado as narrações curtas, focaliza-se o romance; e neste, especial atenção é dedicada ao padre Renteria, "pároco" da Comala rulfiana. Esta é a cidade ou município que inclui em seus limites "La Media Luna", fazenda de Pedro Páramo. Na prática, porém, a fazenda de Páramo é o epicentro em torno do qual gravita tudo: fatos e pessoas, o vigário incluído. Como nos romances acima analisados, também em *Pedro Páramo* o ministro sacro age sob as ordens do fazendeiro; com uma ressalva: Renteria

---

<sup>3</sup> Os textos de Rulfo são retirados de RULFO, J. *Toda la obra*. Edición crítica coordinada por Claude Fell, CNA, México, Fondo de Cultura Económica - Ed. UNESCO, (Colección Archivos), 1996, 2ª edición.

<sup>4</sup> O crítico brasileiro Davi Arrigucci Jr. (1987: 167) expressa a bipolaridade da narrativa rulfiana nestes termos: "É possível fazer grande literatura com muito ou com pouco. Ao contrário de Guimarães Rosa, por exemplo, Rulfo escolheu a pobreza e a brevidade".

não se sente à vontade no papel de marionete de Páramo, aliás, dos Páramo, Pedro e Miguel, o filho. Por ocasião do funeral do jovem Miguel, morto em um acidente, Renteria lhe nega o enterro cristão àquele que fora assassino do irmão, estuprador da sobrinha e autor de outros crimes. Responde também, inicialmente, com uma negativa à súplica do pai que pede a benção para o filho defunto. "¡No! -dijo moviendo negativamente la cabeza-. No lo haré. Fue un mal hombre y no entrará en el reino de los cielos" (p. 202). Ousará Renteria se opor desta vez à prepotência de Páramo? Por fim é o fazendeiro que vence a queda de braço. Reparemos que a súplica foi acompanhada de um punhado de moedas de ouro, "limosna para su iglesia". Renteria aceita, ainda que com relutância; "son tuyas" - dirige-se a Deus, mostrando as moedas - "él puede comprar la salvación". Então, borrifa o defunto com água benta, resmungando algo, e a seguir se fecha na sacristia; "allí lloró de pena y de tristeza hasta agotar las lágrimas" (p. 203).

Uma das funções do pároco de Comala, aliás, das mais solicitadas, é a de ministrar o sacramento do perdão. Mas sendo ele mesmo pecador, tem que recorrer a outro sacerdote em busca de absolvição. É isso que vai procurar em Contla junto a seu colega, agora no ministério e outrora no seminário. Embora vulnerável às fraquezas da carne e do dinheiro, pontos fracos dos seus pares, o pecado *imperdoável* de Renteria é a covardia ante os Páramo. Com efeito, o confessor lhe nega a absolvição.

El hombre de quien no quieres mencionar su nombre ha despedazado tu iglesia y tú se lo has consentido. ¿Qué se puede esperar ya de tí, padre? ¿Qué has hecho de la fuerza de Dios? No, padre, *mis manos no son lo suficientemente limpias para darte la absolución* (grifo meu) (p. 248).

A seguir conversam sobre os velhos tempos no seminário onde as tangerinas, goiabas e demais frutas eram doces, ao passo que em Comala são azedas. Renteria confessa: "ya olvidé el sabor de las cosas dulces" (p. 249). O colega de Contla aproveita para desferir mais um golpe:

- Las tierras de Comala son buenas. Es lástima que estén en manos de un solo hombre  
Es aún Pedro Páramo el dueño, ¿no?
- Así es la voluntad de Dios.
- No creo que en este caso intervenga la voluntad de Dios. ¿No crees tú así, padre?
- A veces lo he dudado; pero allí lo reconocen.



- ¿Y entre ellos estás tú? (p. 249-250).

Nos discursos dos vigários de Comala e de Contla estão esboçadas as "duas teologias", a tradicional e a da libertação, respectivamente. Segundo Renteria, a situação de miséria dos comalenses, causada pela ação inescrupulosa do latifundiário, é insolúvel nesta vida. Essa é também a doutrina pregada pelo p. Páez de "La muerte de Artemio Cruz" (C. Fuentes 1962). Os camponeses devem cultivar a terra e entregar a colheita ao "legítimo dono", o patrão. "Legítimo", isto é, segundo as leis, até pode ser. E a justiça, como é que fica? O p. Páez pontifica: "La justicia final se imparte allá arriba. No la busques en este valle de lágrimas" (p. 46). Assim, a fartura e o luxo de alguns, ou de um só, e a correspondente miséria da maioria, é inapelável, é vontade de Deus. O confessor de Renteria, no entanto, nega ser essa a vontade de Deus.

Uma constatação semelhante à do "sr. cura de Contla" foi a dos Bispos latino-americanos reunidos em Medellin, assessorados por uma equipe de teólogos, também da América Latina. Surgiu, então, a *teologia da libertação*. Como toda teologia que se preza, também a da libertação parte da revelação. Esta, porém, em vez de ser apenas objeto de contemplação e de reflexão, torna-se ponto de partida para uma *reflexão crítica* com vistas à ação. Assim, a mensagem revelada vem a ser inspiração e referencial para o exame da realidade. Da *praxis* iluminada pela fé, com vistas a mudar uma situação de pecado, surgem duas conclusões de grande importância:

- a) a participação do oprimido no processo de libertação,
- b) a importância do aqui-e-agora exigidos também pela urgência do *kayrós* evangélico (Mc 1, 15).

Inexistindo esses ingredientes, ou se retorna à passividade, ou adia-se a libertação para um além mítico; "la justicia final se imparte allá arriba". Com outras palavras, se permanece na teologia tradicional. Já, a teologia da libertação não nega a salvação transcendental, como afirmam seus detratores, desde que atrelada à libertação histórica. Assim sendo, "la historia de opresión y miseria tiene que convertirse en historia de salvación"(J. M.. Camorlinga 1992: 575).

Renteria, embora incapaz de um salto epistemológico que o coloque no patamar do colega, reconhece a insuficiência da teologia tradicional, que o leva a absolver quem

mereceria condena e a condenar quem mereceria absolvição<sup>5</sup>. Afinal decide juntar-se à "revolución cristera"<sup>6</sup>. O gesto inesperado e talvez desesperado do vigário pode interpretar-se como um lance contestatário e corajoso, ou voltado para a conservação do *status quo*, principalmente religioso.

LA CRUZ INVERTIDA - Teologia da libertação em ação.

"La propiedad privada, desprovista de su significado social,  
asquea al Señor" - p. Torres a p. Fermin.  
*La cruz invertida*, p. 164.<sup>7</sup>

A teologia da libertação, conforme dito acima, baseia-se na revelação, que tem como depósito por excelência a Bíblia. Um dos textos-chave é o Êxodo, que narra a libertação dos judeus da escravidão do Faraó. A releitura do texto bíblico em contexto latino-americano levou teólogos como o peruano Gustavo Gutiérrez e o brasileiro Leonardo Boff, dentre outros, a identificar neste continente uma situação análoga à experimentada outrora pelo povo hebreu. Conseqüentemente, faz-se necessário também aqui um *Êxodo*, isto é, um movimento que liberte o novo Israel dos novos Faraós. Os achados doutrinários são levados à prática pelos padres nas respectivas paróquias, fortemente auxiliados pelas Comunidades Eclesiais de Base. Inicialmente contou-se com a anuência da hierarquia eclesiástica. A preocupação dos evangelizadores com a libertação, não só da alma mas também do corpo, não só no além mas também no aqui-e- agora, criou situações conflitantes, terreno fértil para a ficção romanesca. É neste âmbito que se enquadra o romance *La cruz invertida* (Premio Planeta 1970), do escritor argentino Marcos Aguinis.

Como indicado claramente pelo título, o romance é de tema religioso. Porém, o assunto não são os dilemas metafísicos vividos pelos personagens dos romancistas europeus, mas os problemas socio-religiosos que atormentam o homem latino-americano. Problemas que a própria Igreja não pode continuar ignorando. O povo cristão questiona a instituição que antes obedeceu cegamente. No seio da própria Igreja surge um

---

<sup>5</sup> Em se tratando da confissão, Renteria percebe a insuficiência do simples rito, mas "canonicamente" isso é suficiente. Por outra parte, quando confrontado com o suicídio de uma paroquiana, fica perplexo: reconhece que a suicida levou uma vida exemplar, mas como se matou, ele tem que excluí-la do céu.

<sup>6</sup> "La revolución cristera" ou "Cristiada" é um levante que surgiu nos estados de Jalisco e Colima em 1926. Lutava em prol da liberdade religiosa, cerceada pelo governo de Calles. Esse movimento tem certa afinidade com *Canudos* do Brasil.

<sup>7</sup> Textos tirados de AGUINIS, M. *La cruz invertida*. Ediciones Planeta, Buenos Aires, 2005.

movimento que reconhece a justeza das reivindicações; eis a *teologia da libertação* tentando passar da teoria à prática. O que em *Pedro Páramo* se insinuava como um desiderato, em *La cruz invertida* reaparece com a força de um imperativo.

O romance de Aguinis abre com "Génesis" (cap. 1) e encerra com "Apocalipsis" (cap. 78). A alusão ao livro sagrado de judeus e cristãos não é meramente aleatória. No quadro onírico apresentado no cap. 1, a bota e a cruz substituem a dupla já conhecida: a cruz e a espada. Instrumentos de liberação? Sim. Mas apenas para quem calça a bota e empunha a cruz que, invertida, torna-se espada (pág. 8). Já "Apocalipsis" encena um julgamento cósmico, como o descrito em Mt 25, 31-32. Mas os juizes são os detentores do poder sagrado e político-militar. O réu é o proprio Jesus Cristo, "que llora inconsolablemente" (pág. 233).

Entre os extremos desse *continuum* de dimensões bíblicas se desenrola uma série de acontecimentos, narrados em unidades que têm como títulos "Cantares", "Eclesiastés", "Amós", "Epístola", etc. Neles conta-se a trajetória de Carlos Samuel Torres, seminarista brilhante, enviado a Europa para completar a formação.<sup>8</sup> De volta à diocese de origem, exerce o ministério em uma paróquia operária; escolha pessoal. O apoio a uma greve, justa mas "ilegal", bastou para que o bispo Tardini o repreendesse asperamente e o transferisse a uma paróquia menos "perigosa". Paralelamente acompanhamos as atividades do p. Buenaventura que, apesar de ter mais idade e menos conhecimentos teóricos que Torres, tem em comum com ele a dedicação aos excluídos da sociedade, *a opção preferencial pelos pobres*. Buenaventura e Torres são incumbidos por Tardini da administração de uma paróquia de classe media alta sem problemas sociais, pelo menos aparentemente. O jovem padre, intelectual e refinado, ficará sob a autoridade do velho de escassa cultura e nenhum atrativo físico. O bispo acredita ter achado a solução ideal para humilhar o jovem padre e ao mesmo tempo frear seu ímpeto.

Mas o bispo Tardini não levou em consideração que aqueles dois padres, tão dissímiles em tantas coisas, tinham em comum o espírito evangélico e a dedicação aos mais necessitados. Animados pelo zelo apostólico e munidos com a teologia da libertação em pouco tempo sacodem a modorrenta paróquia de "La Encarnación". A casa paroquial e

---

<sup>8</sup> É óbvia a alusão a Camilo Torres, padre colombiano. O personagem de *La Cruz Invertida* frequenta as mesmas universidades que o homônimo colombiano e volta à Latino-américa com aspirações semelhantes. Os padres Nestor e Gabriel, personagens de *Nicodemus* (Colombia), também foram inspirados em Camilo Torres, conforme declarou Gonzalo Canal Ramírez, autor do romance (Pinillos, o.c., p. 226).

até a igreja tornam-se o epicentro de encontros e debates em que se discutem temas religiosos, sociais, ... com uma palavra, *humanos*. Mas para o bispo essas atividades não têm valor algum, pois os que participam não rezam nem se confessam. O escândalo estoura quando os jovens da paróquia decidem organizar uma manifestação *pacífica*, para exigir a libertação dos colegas injustamente presos. Atacados pela polícia, os jovens buscam refúgio na igreja. Perseguidos até dentro do recinto sacro, os manifestantes, ajudados pelos padres, revidam com o que têm ao seu alcance. Resultado: alguns mortos, vários feridos e muitos presos. A violenta repressão foi planejada e executada por um coronel, amigo do bispo, o sádico Donato Pérez. Nele parecem ter-se inspirado as ditaduras militares que nessa época já começavam o "trabalho sujo", que logo mais estenderiam e intensificariam. Como únicos responsáveis dos trágicos acontecimentos são assinalados os padres Torres e Buenaventura. Punição: são submetidos a um processo eclesiástico e ameaçados com a excomunhão. No triste desfecho desempenhou um papel muito importante, ao lado do bispo, o Núncio.

O final do romance faz jus ao título. A cruz, invertida, torna-se, mais uma vez, espada empunhada pelos poderosos e apontada contra o povo e os padres que o apoiam. Todos eles ficam, literalmente, entre a cruz e a espada - "entre la cruz y la pared". O julgamento dos padres rebeldes (cap. 77, "Sinópticos") remete ao de Jesus Cristo, narrado nas páginas seguintes (cap. 78, "Apocalipsis"). Como a de Jesus Cristo (p. 233), a situação deles também é deplorável (p. 227).

O final infeliz de "La cruz Invertida" é precedido por múltiplas peripécias que, ora concatenadas ora em desordem intencional, apresentam um universo de rica complexidade narrativa. Os núcleos em conflito são: o representado pela Igreja tradicional - bispo, núncio e padres conservadores - e o constituído pelos dois padres rebeldes, cuja rebeldia consiste em levar a sério a *opção preferencial pelos pobres*. Contra os subversivos é utilizado o arsenal dos ensinamentos pontifícios que proclamam a propriedade privada como direito natural e a doutrina tradicional que sobrevaloriza a alma, relegando o corpo e o corporal a um segundo ou ínfimo plano. O p. Torres, ao constatar os efeitos deletéreos de uma propriedade privada absoluta, conclui: "La propiedad privada desprovista de su significado social, asquea al Señor" (p. 164). Dizer isso e, sobretudo, agir em conformidade, é aproximar-se do marxismo. Daí a ordem de

Tardini a Torres: "No vaya a la cárcel <sup>9</sup>, porque los detenidos son comunistas. ¡No manche sus sermones con el marxismo" (p. 105). Ao tio Fermin, padre conservador cujos conselhos se assemelham às imposições do bispo, Torres responde: "Cristo, tío, no gastó muchas palabras ensalzando el derecho de propiedad. El no fue propietario". Logo mais, acrescenta: "la defensa exagerada de la propiedad es asumir la defensa de los ricos" (p. 163).

Outro quesito repisado pela Igreja conservadora é o respeito à autoridade, sem se perguntar como as autoridades obtiveram o poder que detêm nem como o exercem. Além, disso, Torres lembra ao tio, e a quantos tenham esquecido, que foram as autoridades cívico-militar e religiosa que condenaram a Jesus Cristo (p. 164). Com outras palavras, os padres insubordinados poderiam responder aos imperativos do bispo como outrora os Apóstolos às autoridades do Sinédrio: "o que é mais justo aos olhos de Deus: escutar-vos a vos, ou escutar a Deus?" (At. 4,19). O narrador *ad hoc* do cap. 75, "Sabiduria" assinala a encruzilhada em que se encontraram Torres e Buenaventura: "fueron puestos en una horrible alternativa: estar en armonía con los fariseos y con el obispo, o estar en armonía con Dios" (p. 216). *Fora da igreja não há salvação (extra ecclesiam nulla salus)*, reza o antigo princípio, exumado pelos dois últimos papas<sup>10</sup>. *La cruz invertida* parece sugerir exatamente o contrário: é *dentro* da Igreja que não há salvação.

A esta altura pode-se supor que o autor de *La cruz invertida* teria se inspirado nas ditaduras que já na década de 1960 assolavam a América Latina, contando com a colaboração ou omissão da Igreja Católica. Olhando para a Argentina dos anos setenta e oitenta, sob a cruenta ditadura militar que contou com a cumplicidade da Igreja<sup>11</sup>, podemos concluir que Aguinis anteviu o que aconteceria na sua nação. Nem sempre é a arte que imita a vida; às vezes inverte-se a seqüência.

---

<sup>9</sup> Repare-se na contradição entre a proibição do bispo e a exigência evangélica: "estive preso e viestes me ver" (Mt 25, 36). O bispo Tardini corrige o Evangelho: se o preso é comunista, o preceito evangélico não obriga, aliás, é obrigatório o descumprimento.

<sup>10</sup> A "Declaração Dominus Jesus", promulgada nos últimos anos do papa João Paulo II e assinada pelo então Cardeal J. Ratzinger, remete àquele princípio. A Igreja Católica "é a única Igreja de Cristo" (n. 4). Só a fé dela é *teologal*; a das outras Igrejas é apenas *crença* (n. 7).

<sup>11</sup> A colaboração da Hierarquia argentina com a ditadura militar, contando com o apoio do Vaticano, está amplamente documentada por Horácio Verbitsky nos livros *Vuelo*, *Silencio* e principalmente no mais recente: *Doble Juego: La Argentina católica y militar*. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 2006.

## CONCLUSÃO

Uma vez que o ser humano é o foco, tanto da teologia como da literatura, é evidente o quanto elas têm em comum. A revelação, ponto de partida da teologia tem que ser veiculada pelo arcabouço da linguagem, isto é, tem que ser *narrada*. Revelação e narrativa são praticamente indissociáveis. Não fosse pela arte em geral e pela literatura, especificamente, a nossa compreensão do universo teo-religioso seria outra, decerto empobrecido em relação à atual. A literatura, por sua vez, usufruindo da liberdade própria das artes, sente-se em casa também no âmbito da teologia, abordando temas como a vida, morte, amor, etc., mas sem pretensões dogmáticas.

Assim o diálogo teológico-literário ou *teo-poético* vem de longe. Recente é a aproximação entre os dialogantes. Mais recente, ainda incipiente, é o encontro literatura-teologia no nosso continente, apesar de "não haver nenhum tema relevante para a teologia que não tenha sido objeto de interpretação explícita na literatura do nosso contexto" (Magalhães, o. c., p. 74). No presente trabalho privilegiou-se a figura do padre no romance latino-americano. É ele que, com suas ações e omissões, sua fidelidade e infidelidade à investidura, nos permitiu adentrar o universo religioso em que se movimenta, ele e o povo em redor dele. Na primeira parte constatamos que a figura do sacerdote esboçada pelos romances é predominantemente negativa. Sucessivamente a narrativa evoluiu, dando origem à *Nueva novela*. O pensamento religioso também evoluiu, ensejando uma *Nova teologia*, a da libertação. É necessário libertar o ser humano, corpo e alma, no aqui-e-agora.

A Hierarquia eclesiástica, que no início aprovou e até encorajou a nova teologia, passou a vê-la com receio e até bani-la, na prática,<sup>12</sup> criando uma atmosfera de tensão no seio da própria igreja. O problemas religiosos em que se debate a sociedade repercutem tanto na teologia quanto na literatura. Ambas buscam resposta aos questionamentos levantados. Embora diferentes, não pode haver oposição entre elas, uma vez que ambas visam bem-estar e a felicidade do ser humano.

---

<sup>12</sup> Norberto Cabrera Rivera foi nomeado, pelo papa João Paulo II, bispo de Tehucán, única diocese do México onde se lecionava a teologia da libertação. Rivera acabou com esse tipo de ensino e passou à teologia tradicional. Pouco depois foi nomeado arcebispo da Cidade do México e posteriormente Cardeal.

## BIBLIOGRAFIA

- BENEDETTI, M. "Temas y problemas", in: *América Latina en su literatura* (César Fernández M. org.), Siglo XXI - UNESCO, México - Madrid, 1998, págs. 254-271.
- BLANCHET, A. *La littérature et le spirituel*. Aubier, Paris, 1959-1960.
- CAMORLINGA, J. M. *Cristianismo o Marxismo, o Cristianismo y Marxismo?* Tesis de doctorado en Filosofía, UNAM, México, 1992.
- CONCEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM), *¿Agoniza Dios?- La problemática de Dios en la novela latinoamericana*. SEPAC, Bogotá, 1988.
- DIAZ-PLAJA, G. *Hispanoamérica en su literatura*. Salvat Editores, Estrella, 1972
- FUENTES, C. *La nueva novela hispanoamericana*. Editorial Joaquín Mortiz S. A., México, 1980.
- GALEANO, E., *Memorias del fuego, - Los nacimientos*. Siglo XXI, Argentina, 1986.
- GONZÁLEZ PADRÓN, F. *América en sus novelas*. ICI, Madrid, 1983.
- MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras - Teologia e literatura em diálogo*. Paulus, São Paulo, 2000.
- MOELLER, CH. *Literatura del Siglo XX y Cristianismo*. Gredos, Madrid, 1955.
- MONEGAL, E. R. *Narradores de esta América*. Alfadil Ediciones, Venezuela, 1992.
- ORTEGA GALINDO, L. *Expresión y sentido de Juan Rulfo*. Porrúa Turranzas S. A., Madrid, 1984.
- PICON-SALAS, M. *De la conquista a la independencia*. Fondo de Cultura Económica, México, 1994.
- PINILLOS, M. N. *El sacerdote en la novela hispanoamericana*. UNAM, México, 1987.

Rafael Camorlinga Alcaraz  
Universidade Federal  
De Santa Catarina,  
Fevereiro de 2007.